

IBERO-AMÉRICA

O vento nos une.
O vento que canta,
quase calmaria, doce cântico.
O vento bravata, vento que arreбата.
O vento que zune.
O mesmo vento transatlântico
que sopra a imaginação
em viagens pré-colombianas.
O vento das naus ibéricas
e caravelas cruzmaltinas,
vento planador que rebate
nas escarpas andinas
e alça numa corrente nevada
o vôo livre da asa alada do condor.
O vento das jangadas nordestinas
e o vento caudilhesco, gaúcho, eqüino,
minuano, o vento acre dos pampas,
bombachas, prenda minha,
vento baixo, vento supino
dos descampados uruguaios,
das planícies argentinas,
a revirar as pás literárias
de quixotescos moinhos de farinha.

Sempre o vento.
O vento lento que despenteia
a palha da cana-caiana,
levantando a saia rodada da baiana
no centro da roda de samba.
Nos timbales dos afoxés.
Nos atabaques dos candomblés.
Trazendo o cheiro do porto
em cada frasco,
em cada caixa,
em cada urna,
em cada esquina noturna
no volteio do passo de um tango
entre sombras de antigos lampiões,
damas do asfalto, cigarros e rufiões.

Sempre o vento.
Vento vivo, vento cativo, vento morto.

O vento do qual se agasalha o pescoço
na volta mansa de um xale de seda
no estribilho de um fado triste,
de um beco, de uma vereda
e no gole estalado de um trago de porto.
O vento na flor sevilhana de primavera,
que o inverno não beijou por um triz,
a ecoar na castanhola flamenca
e a riscar o terno escuro de giz.
O vento a fugir pelo orifício
do dique da história arcaica.
O vento a correr da raia.
O vento a escorrer de sangue
de alto a baixo das pirâmides
do sacrifício asteca,
do gume da prata incaica,
da herança da cultura maia.

O vento tecendo areia.
O vento das ondas.
O vento da costa.
O vento do mar.
O vento nos traz misturados
cordéis, sagas, retalhos vagos
de martins fierros, sanchos panças,
panchos villas, yupanquis, macunaímas,
bolívares, martís, gardéis, saramagos,
em memoriais de conventos,
em labirintos borgeanos
em que vivem soltos, desatentos,
os tigres de nossa latinidade felina,
terna, hospitaleira e selvagem,
a um só tempo inocente e ladina.

O vento.
Sempre o vento.
O vento petroleiro de Maracaibo
a desenhar, muralista,
riveras e portinaris
na face dos retirantes
de todos os meridianos,
de todos os sextantes,
gravada em fogo,
gravada em cruz.

O vento cigano, andaluz,
 a esculpir a golpes de Tejo
 as muralhas de Toledo,
 que dalém-mar eu vejo,
 e a amansar o silêncio republicano
 do Valle de los Caídos
 em mosaicos catalães de Gaudi.
 O vento a desamordaçar
 os lenços de protesto,
 os lenços do luto funesto,
 das madres da Plaza del Mayo.
 O vento de uma canção desesperada,
 uma canção apenas,
 a redescobrir Neruda
 pelos mortos de Santiago,
 perpetuados no cobre
 e na pedra das minas chilenas.
 Antônio conselheiros, afonsinos, sebastianistas,
 inquisidores, montoneros, missionários,
 cortezes, cabrais, heroísmo e vilania,
 tornado e brisa, vermelho e roxo,
 urtiga e hibisco, a evocar Canudos,
 Charco, Alcácer-Quibir, Palmares,
 as feridas, enfim, lavadas
 nas tábuas trágicas do Rio Mapocho,
 no caudal da torrente amazônica,
 pelas lavadeiras do São Francisco.

A brisa.
 Por fim a brisa.
 A brisa na janela,
 na cortina e muito mais.
 A brisa peregrina
 em Santiago de Compostela.
 A brisa santificada de Fátima,
 de Guadalupe, das barrocas Gerais
 dos profetas de Aleijadinho.
 Do anjinho de procissão.
 Dos arabescos d'Espanha
 na passagem dos mouros.
 A brisa dos leques madrilenhos
 de uma tarde de touros
 a colorir o verde de Lorca.
 O verde de Palma de Mayorca.
 O verde que há e o verde que não houve.
 O verde da anilina do açúcar cande.

O verde da esperança.
O verde do limo das incertezas.
O verde caldo das couves,
da afeição e da melancolia portuguesas.
O verde mar que traz a brisa desamparada
ao abrigo das rochas da Cordilheira dos Andes.
As tochas que acendem e apagam
o farol de terra à vista
desta gávea, desta amurada.

É um vento só
o vento que nos une.
Um vento
ao mesmo tempo
português e castelhano.
Um vento de prece vespertina.
Um vento de arrebol.
Um vento portunhol.
Nossa América Latina
é nossa nova Ibéria
de sangue mesclado
índio e escravo,
refino e mascavo,
a Ibéria que nos liberta
a nudez e a coberta.
É este vento
que nos une
e que encontra
no fundo de nós
o mesmo compasso,
o mesmo drible,
a mesma finta,
a mesma batida,
a mesma tinta,
a mesma voz,
o verso e o reverso,
o sim e o não
do mesmo apaixonado
e sempre coração.